

## O ESPÍRITO DE FRONTEIRA E AS FRONTEIRAS DA CRÍTICA

Donaldo Schüler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Os anos 30 pulsaram no ritmo dos desfiles militares, treme-ram ao vigor das bandas marciais, perfilaram-se nas homenagens aos pavilhões desfraldados, sangraram nas lutas internas e nas guerras de conquista, aplaudiram a ascensão de Stálin, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Perón e Vargas.

O centenário da Guerra Farrroupilha foi ardorosamente festejado. Varria os pampas o sentimento de vitória da luta iniciada cem anos atrás. A voz do príncipe regional, Zeferino Brasil, soava em alexandrinos retundantes. Os heróis não eram só os petrificados nas praças, mas também os que desfilavam em carros abertos ovacionados por centenas de milhares e gesticulavam nos palanques ante multidões em delírio. As cadeias de rádio transformavam horas cívicas em comícios nacionais, revigorando até os enfermos que guardavam o leito, no recesso dos lares perdidos nos mais longínquos rincões.

Em meio ao alarido, Viana Moog preparava um ensaio literário afrontosamente intitulado *Heróis da decadência*.<sup>1</sup> Dividiu o Ocidente em três ciclos. Viu o primeiro agonizar nas páginas caóticas do *Satiricon* de Petrónio. Localizou a agonia do segundo nas andanças tresloucadas do *D. Quixote* de Cervantes e auscultou os estertores do terceiro no sorriso cáustico da prosa machadiana.

Inflamava a imaginação do autor um livro avidamente lido na América do Sul como em todo o mundo, *A decadência do ocidente* de Oswald Spengler.

Spengler, que já tinha estabelecido o título em 1912, o vinha desenvolvendo com vagar. A eclosão da Primeira Guerra serviu-lhe de confirmação da hipótese medular. Em 1918 sai o primeiro volume. Os alemães, feridos pela derrota, o consumiram ávidos como

lenitivo para a dor. Em princípios de 1922, tinham sido vendidos 53.000 exemplares. O êxito excepcional de vendagem levou os editores a imprimir 50.000 exemplares do segundo volume nesse mesmo ano. A aceitação que o livro teve fora do país de origem, mostra que Spengler não traduzia apenas um estado de espírito alemão.

Não surpreende que Viana Moog tenha recorrido a ele ao re-crudescer o heroísmo armado no decênio de 30. Foi Alceu Amoroso Lima quem vinculou a atividade intelectual de Viana Moog ao Rio Grande do Sul no discurso em que saudou o ingresso do ensaísta na Academia Brasileira de Letras. Viu na obra de Moog a reação contra o caudilhismo, a bravata, a opressão, a força, a violência. Guiado por João Pinto da Silva, afirma Amoroso Lima que não é o heroísmo mas o humanismo a tradição das letras rio-grandenses, prolongada no autor de *Heróis da decadência*.

Seria incorreto ver em Viana Moog um caudatário de Spengler. *A decadência do ocidente* não foi mais do que o ponto de partida para a reflexão sobre o Rio Grande do Sul e o Brasil, sem trair as suas preferências e sem contornar os problemas com que se debatia a Nação. Refletindo sobre a falsidade do culto aos heróis, contribuiu para manter viva a inteligência crítica numa época em que nossos males dormiam embalados em retórica patrioteira.

Já a divisão de *Heróis da decadência* se afasta das idéias de Spengler. Este, combatendo o eurocentrismo, rejeita a divisão em Idade Antiga, Idade Média e Idade Moderna.<sup>2</sup> Denuncia a estreiteza da divisão que nada significa para culturas como a chinesa, a egípcia e as pré-colombianas. Conduzido por clara tendência estrutural, marcante para o pensamento do século XX, recusa a divisão meramente cronológica, propondo, em seu lugar, um modelo capaz de interpretar a evolução de todas as culturas em qualquer época. Contra o darwinismo, triunfante no século passado, entende a cultura como um organismo vivo que nasce, cresce, decai e morre à maneira dos ciclos da natureza distribuídos em primavera, verão, outono, inverno. Quis entender a cultura em si mesma, não atrelada, ao meio como Taine, nem à economia como Marx, nem à antropologia como Chamberlain. Advogava para a cultura a mesma autonomia que a física tinha alcançado com Einstein e a biologia com Uxküll. Comprova o acerto do esquema em nove culturas independentes. Converte o esquema em lei e, fundamentado nele, anuncia o fim da Modernidade, alvorecida na Renascença.<sup>3</sup>

Viana Moog limita o estudo ao Ocidente, distribuído nos três períodos convencionais, mas interpretados pelo modelo evolutivo de Spengler. Parece, entretanto, que o ensaísta brasileiro procura mitigar a catástrofe apocalíptica de cada um dos períodos com a dialética hegeliana, já que no bojo do mundo antigo forma-se o cristianismo, plenamente desenvolvido na Idade Média, nesta aparece a consciência crítica que triunfa com a Reforma no colapso da cultura medieval. A Modernidade, produto da Reforma, confunde-se com o capitalismo, contestado pelo comunismo que deverá sobreviver ao ocaso da Modernidade. A recorrência do modelo permite ao ensaísta estabelecer as semelhanças entre o Comunismo no fim dos tempos modernos e o Cristianismo no fim da Antiguidade. Ambos vieram debaixo para cima, ambos sofreram a resistência dos mundos contestados.

Isto não significa adesão ao Comunismo. Viana Moog coloca-se na posição de Petrônio, pertencente ao futuro pela razão e ao passado pelo sentimento. A clareza do sistema marxista não tem condições de converter os intelectuais, presos sentimentalmente às antigas ideologias, arrebatados só excepcionalmente ao sistema do futuro.

Alceu Amoroso Lima considerou Viana Moog "espírito de fronteira".<sup>4</sup> Percebe-se a justeza da qualificação na aproximação de spenglerianismo e hegelianismo, capitalismo e comunismo sem romper os laços com nenhum deles. O ensaísta adota o "ceticismo elegante e displicente" que atribui a Petrônio e pretende encontrar na obra madura de Machado.

O ceticismo elegante elimina a fatalidade que comanda a evolução da cultura em todos os estágios no sistema spengleriano. Em *Novas cartas persas*, Viana Moog formula críticas explícitas a Spengler.<sup>5</sup> Uma das personagens do livro, Usbek, considera a teoria exposta em *A decadência do ocidente* "ampliação genial e pomposa, no plano da filosofia, das teorias evolucionistas".<sup>6</sup>

Desponta aqui uma constante nas dúvidas de Viana Moog, a defesa do homem contra tudo o que busca arredá-lo da centralidade. A certeza da vitória do homem sobre todos os cataclismos encerra o livro de estréia.

Num ponto Viana Moog deixou-se iludir por Oswald Spengler — pelo menos em 1934 — na avaliação dos movimentos de vanguarda. O filósofo considerava as ousadias dos renovadores a última etapa da dissolução da forma, prova incontestante do ocaso da



Modernidade. O ensafista brasileiro repete-lhe servilmente os argumentos sem considerar o saldo modernista. Já contávamos com as *Memórias de João Miramar* do antropofagista Oswald de Andrade. O vigor da ficção mostrava-se ainda no *Macunaíma* de Mário. A poesia produzia sintaxe, ritmo e vocabulário inexplorados no *Cobra Norato* de Raul Bopp. "A pedra no meio do caminho" e o "Poema das sete faces" de Drummond expunham à nova geração veredas não trilhadas, sem esquecer as invenções das regiões periféricas nas produções de Jorge de Lima, Tirteu Rocha Viana, Ruy Cirne Lima, Augusto Meyer.<sup>7</sup> Quando os poetas aparecidos em 30 já escolhiam outros caminhos, Viana Moog ainda não tinha reconhecido valor aos de 20. Não via em torno de si mais do que desagregação irreparável, ruínas, escombros e poeira. Diante do que chamava de "pura prosa metrificada, sem nenhuma necessidade interna" rememorava saudoso os áureos tempos das canções de Goethe. Não seria este o primeiro equívoco da crítica, agravado, no caso vertente, pelo despreparo do ensafista que se apresenta como árbitro e profeta apocalíptico da Modernidade. Disse-o corientemente Alceu Amoroso Lima na saudação de 45:

"Iniciáveis, por conseguinte, vossa carreira literária sem nenhum contato com o movimento modernista e sem a mais leve preocupação de formas estéticas."<sup>8</sup>

Pesquisador voraz, Viana Moog tratou de redimir-se da lacuna que o levou a erro. Em *Bandeirantes e pioneiros* é outro o tom.<sup>9</sup> Em lugar das lamentações sobre produtos da decadência, comparam os encômios aos modernos responsáveis pela arte de "significação internacional": "Villa-Lobos, Niemeyer, Erico Verissimo, José Lins, Jorge Amado. Perdoe-se à exaltação a aceitação em bloco de tudo o que os novos tempos produziram. Surpreende, entretanto, a guinada para o outro extremo. Os poetas do passado são qualificados agora de imaturos e aos modernistas se reconhece o mérito de terem dado com "a poesia varonil, a grande poesia de aceitação da realidade e da vida".

Valha a justaposição das posições antagônicas como advertência para a precariedade dos esquemas teóricos insuficientemente confrontados com o testemunho dos fatos. Faltaram a Viana Moog melhores instrumentos para a análise do valor textual da obra literária. Tomando o texto literário como mero reflexo da realidade externa, declarou decadente a obra que se alimenta da decadência.

Isto o levou a contradições de que não soube desenredar-se. O Machado mais criativo foi precisamente o que despertou para a decadência. Como um herói da decadência pode criar a melhor prosa do Continente, isto Viana Moog não soube explicar.

Tampouco tinha-lhe ocorrido a conveniência de separar o Brasil do ocidente. Não viu diferença entre Machado de Assis e a ficção do Antigo Continente. Coloca o nosso romancista e Eça de Queirós no mesmo grau de conveniência. Procedendo assim estava-lhe vedado perceber a contribuição de Machado à vitalização da prosa nacional.

Cabe-lhe, no entanto, o mérito de compreender a falácia do heroísmo no momento exato. Antes das bravatas de Vargas e dos crimes de Hitler minou as bases dos ídolos ascendentes. Em raros momentos a crítica literária mostrou-se tão sagaz, acertando com tanta eficácia os males ignorados pela maioria. O velho Machado, revitalizado voltou a introduzir estopins na retórica destinada a encobrir os pontos de atrito.

Apesar das discordâncias, lê-se *Heróis da decadência* com agrado. O autor mostra qualidades privilegiadas de ficcionista. Na forma, na acuidade crítica, no tratamento das personagens, o caminho para a ficção estava-lhe franqueado.

*Novas cartas persas* já funciona como razoável romance de idéias. Conduzido por Spengler, incorpora o Oriente próximo ao quadro das comparações culturais. O confronto de culturas distantes como a persa e a brasileira permite-lhe arruinar a certeza dos dogmatismos que ameaçavam escravizar o Globo, enquanto detecta a improbabilidade das leis spenglerianas. A decadência do Ocidente é realmente fatal ou o processo poderá ser alterado pela recuperação da espiritualidade medieval? Sendo legítimo reprovar no espírito de fronteira, a ausência de conduta retilínea, não se lhe pode recusar o mérito de levantar resistência ao autoritarismo.

Em 39 aparece uma obra que marcou época, o romance *Um rio imita o Reno*. Se o ficcionista conviveu com o crítico, o crítico não abandona o ficcionista.

A dívida do romancista ao sistema spengleriano percebe-se já nas quatro estações em que se divide o livro. Spengler entendia que as culturas nascem na primavera e morrem no inverno. Viana Moog redistribuiu, porém, as estações atento aos fatos concretos. A cidadezinha alemã, onde se passa a ação, não é produto da terra, foi transplantada para a América da Europa. Incorreto seria pô-la ao



nível do Brasil autóctone, jovem, comparado com as velhas culturas européias. A ação começa, portanto, num período de franco desenvolvimento, o verão, a idade crítica em que Spengler situa a Reforma e o princípio do Capitalismo. Blumental, a cidade ficcional situada às margens do Rio dos Sinos, mostra indústria desenvolvida e avançado comportamento capitalista.

No instante em que Geraldo, o engenheiro nortista, desembarca em Blumental choca-se com a sua formação alheia ao acúmulo de riquezas. Primavera e verão confrontam-se no mesmo espaço e traçam um dos eixos do conflito.

Construindo assim o romance, não reitera o esquema de **Heróis da decadência**, em que o Brasil é prolongamento da Europa. Atenta para a heterogeneidade cultural e os conflitos que daí advêm, o que diferencia e individualiza a nação americana.

Começando o romance no verão e terminando na primavera, superada está a idéia de que o fim da cultura européia determinará também o fim da nossa. O sopro primaveril que sopra nas últimas páginas devolve Blumental às origens. Rompidos os vínculos que culturalmente ainda a atavam à Alemanha, torna-se brasileira e como tal desperta para uma realidade nova, a infância da nação como um todo, que terá de vencer muitas etapas para atingir a idade adulta.

Viana Moog, reformulado o esquema para o Brasil, cai em vários lugares comuns vulgarizados: que somos o país do futuro, que somos uma democracia racial, que somos cordiais, que somos eróticos.

Dois livros recentes atacam rijamente alguns desses estereótipos. David Brookshaw em **Raça e cor na literatura brasileira** defende a tese de que somos profundamente racistas.<sup>1 1</sup> Denuncia de racista até a mestiçagem alardeada como solução brasileira para os conflitos étnicos, por condenar o negro ao desaparecimento no processo de branqueamento contínuo. A cordialidade brasileira desaparece nas análises de **Violência e cultura no Brasil** do ensaísta Rubem George Oliven.<sup>1 2</sup> Não lhe faltam exemplos na literatura recente voltados à violência urbana, prolongamento da violência praticada nos séculos inaugurais, o que torna suspeita a nossa pretendida cordialidade.

Não percamos, contudo, a perspectiva dos anos 30. Num momento em que o mito da raça pura se levantava como ameaça à humanidade, a ideologização da mestiçagem conferia, pela primeira

vez, confiança em nós mesmos, abalada por séculos de escravagismo e por ideologias racistas que tinham seqüestrado nossas melhores inteligências. Se a mestiçagem não é a solução para nossos problemas raciais, mostrou-se, ao menos, altamente salutar no momento em que em nome da pureza da raça exércitos aparelhados com os mais avançados equipamentos bélicos se atiravam contra populações indefesas.

Em meio a prolongados debates de idéias hoje fora de lugar aparece uma página, infelizmente não conhecia por Brookshaw, mas que encerra a mensagem de confraternização das raças que ele deixa ao Brasil. Diz o indiatíco engenheiro Geraldo:

"— Dentro deste cenário vi também o homem. Vi o caboclo bronzeado, bandeirante ainda não teatralizado, em luta com a selvagem. Vi o nordestino, piloto de minúsculas jangadas, em luta contra o mar. Vi o colono, cooperando com a sua carne e o seu sangue nesse Brasil bem brasileiro, que nas retortas de meios geográficos tão diversos, prepara, com a contribuição de todas as raças, o tipo étnico, rijo de corpo e de alma, que os meus olhos deslumbrados já entrevêm no panorama do futuro..."

Ignoremos a utópica raça do futuro que nos sonhos do romancista deverá ser deslumbrante e rija como as melhores do momento, resta o apelo à confraternização presente sem privilégio de etnia sobre as demais.

Outras idéias mostram-se até risíveis hoje, quando estamos afundados na maior crise econômica da nossa história; por exemplo, a esperança de maciço investimento estrangeiro para desenvolver a Amazônia sem lucro para os investidores com recursos desviados da indústria bélica. Parece que estamos fadados ao sonho, quando deixamos de ser apocalípticos. Aprenderemos um dia a enfrentar os nossos problemas sem sentimentos de abismo e sem utopias?

Feitos os descontos, resta um romance crítico, desbravador de temática nova, econômico nos recursos, agressivo e profético. Quando é que uma potência estrangeira pediu que o governo brasileiro tirasse um romance de circulação? A Alemanha hitlerista o fez. Foi a glória de Viana Moog e a prova de que a literatura não é tão inofensiva como se pensa.

Operada a diferença entre Brasil e Europa, Viana Moog confronta o nosso país com os Estados Unidos em **Bandeirantes e pioneiros**. Desde que a ocupação do solo estadunidense aconteceu



bem depois da penetração colonizadora aqui, não vale o argumento de terem tido mais tempo para desenvolver-se do que nós, nem se pode alegar que já ingressaram no declínio enquanto continuamos jovens. As razões devem ser outras e o ensaísta empenha-se em explorá-las exaustivamente. Descartado o argumento racial, a razão do êxito estupendo da potência do Norte deve ser buscada alhures. Viana Moog recusa também explicações geográficas e econômicas tomadas como fator exclusivo da diferença. Invoca razões múltiplas, — tais como religião, clima, sistema de colonização, índice de alfabetização, hábitos sexuais — favoráveis sempre aos estadunidenses. Este conjunto de fatores imprime um caráter diverso aos Estados Unidos e ao Brasil. Viana Moog trata as nações como indivíduos. Cada nação tem caráter próprio. Para desvendá-lo importa penetrar na infância das unidades políticas para apanhar os germens responsáveis pela evolução posterior.

Este procedimento provoca muitas dúvidas. Há efetivamente um caráter nacional, ou devem-se admitir caracteres coletivos muito diversos em áreas geográficas extensas como as dos países em confronto? A busca do caráter nacional não oblitera a estratificação classial com diferenças acentuadas de comportamento? A pretensão de caráter unificado não levará ao imperialismo dos traços dominantes sobre os menos representativos? Em lugar da marca indelével exigida pelo caráter, não se deverão preferir decisões originais provocadas por circunstâncias que se renovam?

A opção pelo caráter nacional leva ao determinismo que priva o homem de responsabilidade, impossibilitando a reação apregoada. Os argumentos de Viana Moog nos reconduzem às teorias pessimistas do início do século, empenhadas em nos afagar com o consolo de que, dadas as condições desfavoráveis em que nos desenvolvemos, alcançamos muito mais do que se poderia esperar, tornando a dominação estrangeira irrecusável.

Espanta-nos a fragilidade da argumentação de Viana Moog. Uma de suas teses estabelece a hostilidade do meio como fator de progresso e condições favoráveis como determinantes de letargia. Segundo este princípio, o frio intenso nos Estados Unidos obrigou os americanos a desenvolverem a indústria do aquecimento, enquanto que o calor daqui durante o ano inteiro nos convidou a não fazermos nada. Se este princípio tivesse consistência, a pobreza do solo deveria ter levado os brasileiros a avanços técnicos na produção agrícola e a uberdade do solo dos Estados Unidos deveria ter

mantido os habitantes de lá em estágios primitivos de produção. Por que se deu o contrário?

Viana Moog atribui aos estadunidenses também a qualidade de romperem com o passado em contraste ao nosso apego às tradições, outro fator do desenvolvimento de lá e do atraso daqui. Como enquadrar nesta norma as rupturas provocadas por Gregório de Matos, Machado de Assis, e os corifeus do Modernismo? E como explicar a vitalidade das denominações religiosas dos pioneiros americanos ainda hoje?

Se o autor não consegue produzir interpretação satisfatória da realidade, deixa-nos, ao menos, um livro de leitura agradável com muitas informações sobre os países comparados — grande parte delas pessoalmente vividas. O ficcionista compensa, de algum modo, o malogro do analista.

Deslocada a responsabilidade de nosso atraso para fatores mesológicos e culturais, **Bandeirantes e pioneiros** reitera o argumento da nossa irresponsabilidade pelo mau desempenho, **Bandeirantes e pioneiros** nos faz desejar o exílio, levando a sonhar com paraísos econômicos distantes.

Antes de examinar o romance **Uma jangada para Ulisses**,<sup>13</sup> aparecido em 1959, convém recordar a conferência **Uma interpretação da literatura brasileira**, publicada em 1943 e que antecipa preocupações presentes na obra ficcional agora mencionada.<sup>14</sup>

Confrontando nossa produção literária com literaturas sólidas como a francesa, a alemã e a espanhola, conclui que estas ostentam nítido caráter unificador o que não aconteceria com a nossa. Repisa que a clareza marca a literatura francesa; a densidade metafísica, a literatura alemã e o misticismo cavalheiresco, a literatura espanhola. Na sua opinião, nossa literatura recusa todo traço unificador. Em vez disso, a literatura brasileira apareceria fragmentada em um arquipélago de sete ilhas culturais. Aponta o sentimento cósmico como peculiaridade da literatura amazônica, reserva o cunho social para a literatura do Nordeste, unifica no eruditismo a literatura da Bahia, o municipalismo fica para os mineiros, considera bandeirantes os paulistas mesmo quando escrevem, reúne sob o individualismo os escritores do Rio Grande do Sul, atribui ao Rio de Janeiro, sem característica própria e fiel ao trabalho de cidade capital, o papel de temperar e corrigir as demasias das outras ilhas culturais. O que resta do território brasileiro fica na órbita de algum destes pólos centralizadores. A contigüidade



territorial não determina necessariamente a afinidade cultural. O Estado do Rio, por exemplo, "é puro Nordeste".

Construído o arquipélago, prega o dever moral de preservar a identidade, na advertência do perigo a que nos expõe o desenraizamento. Retomando Ulisses como símbolo de fidelidade à terra, prepara no conteúdo e no título o livro que publicaria dezesseis anos mais tarde. O analista não se radicaliza, entretanto, no Brasil fragmentado. Prega, com fervor religioso, a conversão à unidade:

"Consevemo-nos fiéis aos núcleos culturais, convertamo-nos à fé e ao estilo de vida do nosso tempo, intoxiquemo-nos da verdade essencial de que uma civilização é a conquista de todas as horas, no espírito de uma época, e teremos o Brasil que já se deixa entrever nas brumas do futuro, com a literatura que deve corresponder-lhe: uma literatura que há de ser telúrica, como a amazônica, social, como a do Nordeste; erudita, como a da Bahia; humanista, como a de Minas, bandeirante, como a de São Paulo; a um tempo regional e universal, como a do Rio Grande; tudo isso temperado pela ironia do núcleo cultural da metrópole, para que seja, acima de tudo, como todos desejamos, profundamente humana e brasileira." (p. 79 e 80.)

Louvável nesta visão panorâmica da literatura brasileira é o esforço de compreendê-la na sua diversidade sem as deformações provocadas, quando submetida à ótica dos centros hegemônicos. Preserva nisso a lição de Spengler atento à diversidade cultural.

Não convencem, porém, as peculiaridades atribuídas aos núcleos. A *invenção de Orfeu* não se enquadra no cunho social do Nordeste. Na sua floração metafórica estaria mais próxima do barroquismo mineiro e baiano — aliás, não contemplado na tipologia de Viana Moog. Como enquadrar no municipalismo atribuído à literatura mineira o universalismo dos arcades e de Drummond ou as inquietações existenciais do *Encontro marcado* de Fernando Sabino? O modernismo paulista, dominado pela antropofagia de Oswald, volta-se mais à devoração alienígena do que à pretendida conquista bandeirante do território americano. A prosa sul-riograndense amadurece na década de 30 com as mesmas características do romance nordestino contra o individualismo que Viana Moog lhe impõe. O próprio autor vê-se obrigado a conceder notórias exceções ao eruditismo da literatura baiana; cabe ainda, para infirmá-lo, lembrar a poesia social de Castro Alves e o forte irracionalismo afro-brasileiro que, vindo de baixo, invade os redutos da literatura culta e da música popular que se espalha pela sociedade refinada daqui e do exterior. A teoria da nuclearidade das regiões

individualizadas é contraditada por um fenômeno como Florianópolis que em fins do século passado passa a assumir com o simbolismo de Cruz e Souza posição hegemônica.

O esquema de Viana Moog perde plausibilidade com o anacrônico revigoramento da tese de Taine, ao destacar a diversidade do meio como fonte do suposto insulamento dos núcleos culturais brasileiros. Se o meio de fato determina a diversidade, como entender o patético apelo à unidade nacional através da mistura das diversas contribuições? Determinismo mesológico e vontade livre se excluem.

A comparação feita por Viana Moog da literatura brasileira com literaturas da Europa suscita dúvidas por aceitar ao se referir a estes chavões inconsistentes. Se devêssemos aceitar que a literatura francesa se reduz à clareza, poderíamos afirmar com a mesma leviandade que a nossa é nacionalista (como tantas vezes já se fez) e teríamos, em vez do arquipélago, a solidez continental.

Não é difícil, quando se quer, encontrar fórmulas unificadoras ao arrepio das diferenças convertidas em exceções. Neste como noutros casos, as exceções se impõem com mais representatividade do que a sensaboria dos lugares comuns que fazem a regra.

Retornemos a *Uma jangada para Ulisses*. O símbolo intemporal unido a problema local busca realizar o conúbio do universal e do nacional teoricamente apregoados.

*Uma jangada para Ulisses* pretende libertar-nos dessa sedução. Ulisses, que já serviu de modelo a Joyce para descrever a errância do homem contemporâneo, reaparece agora como símbolo do homem que corre perigo de cair no engodo de ninfas encantadoras, provocando o esquecimento da terra natal.

José Marcos de Andrade Ripol faz o papel de Ulisses no romance. Procedente de origem humilde, passa a exercer funções de responsabilidade em que o suborno lhe coloca fortunas nas mãos. Guindado às altas funções de embaixador, enredado em questões retumbantes, acaba-se envolvendo em aventuras sentimentais que sobrepõem assuntos privados aos interesses da nação.

Esta é a outra face de Ripol, revelada aos pedaços, a que se oculta sob a máscara ilustre que requer a consagração de uma biografia.

Juvenal Maia figura como Telêmaco. Juvenal venera Ripol com entusiasmo juvenil. Rememora os anos em que o tomou como paradigma e os efeitos que o herói idealizado teve na sua forma-



ção. Morto Ripol, em Roma, de ataque cardíaco, Juvenal vê-se com a incumbência de perpetuar-lhe a memória e neste percurso interior Ripol perde a máscara de homem exemplar.

O primeiro esboço da biografia é um romance que o próprio Ripol tinha arquitetado com o nome **Uma jangada para Ulisses** e que não passou de projeto. Ao expô-lo, Ripol responde a Juvenal que perguntara sobre o perigo de ser diplomata.

“— E não é? Ai dos que se deixam desenraizar! Ai dos que se deixam europeizar, afrancesar ou lanquizar! Ai dos que não trazem em suas vestes a poeira imponderável da sua província, esta poeira de cultura que não está somente nos livros que lemos, nas filosofias que absorvemos, senão também no ar que primeiro respiramos, nas imagens que primeiro contemplamos, nos tipos humanos com quem primeiro convivemos, nas cruces que velam o sono de nossos mortos sagrados, nos campanários de nossas aldeias, nas virtudes e valores dos lugares de onde partimos.”

E acrescenta:

“— As idéias gerais e universais, certo, são excelentes. Mas, passada a hora das filosofias e das utopias — e elas fora do catolicismo passam terrivelmente depressa — sem os denominadores comuns de nossas terras de origem, sem o eco dos mundos de nossa formação, ficamos tateando no vácuo, vazios e sem destino. Ulisses abandonando o paraíso de Ovígia é símbolo de uma fidelidade que dá bem a medida de nosso poder de recuperação.”

Ripol transpõe para a ficção as suas próprias dúvidas. Não se livrando das seduções de Ovígia, morreu em Roma, longe da pátria. Não conseguiu construir a jangada que o devolveria à terra natal. Juvenal, não logrando alcançar-lhe a jangada, depois de morto, repete o malogro do herói.

**Uma jangada para Ulisses** desenha um novo perfil do espírito de fronteira. O livro não escrito deveria abrigar as inquietações de uma geração. Viana Moog as sentiu, mas não soube como superá-las. Na busca do heroísmo recaiu no tema de **Heróis da decadência**. “Decadência” figura nas palavras conclusivas do romance. Como acontece em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o autor é alvo dos seus próprios ataques. A descrença em heróis persiste.

Em **Tóia**, Viana Moog retoma a tese do caráter nacional, no qual vem insistindo como ficcionista e ensaísta desde **Um rio imita o Reno**.<sup>15</sup> Mas não quer que se lhe empreste nenhuma rigidez. O embaixador Jorge Holanda, ideologicamente uma espécie de porta-voz do autor, pensa que o convívio dos grupos humanos de-

envolve estilo de vida próprio à semelhança dos componentes de uma família e dos sócios de agremiações. Embora o caráter assim desenvolvido não seja permanente, mostra certa constância no condicionamento de expressões emocionais e culturais.

Teria sido esta posição moderada refeita em atenção às críticas dirigidas por Dante Moreira Leite aos ideólogos do caráter nacional? Certo é que Viana Moog abandona a inflexibilidade dos traços caractereológicos que seriam responsáveis pela nossa preterição na competição capitalista.

Jorge Holanda está escrevendo um livro com o título “**O oriente acaba no México**”. Preocupa-se em compreender a tristeza mexicana que se oculta sob as manifestações de alegria. Como o fizera em **Bandeirantes e pioneiros**, o autor não reduz o caráter a um único fator. Entre outros, aponta o conflito entre a agressividade capitalista e a caritativa moral católica, que não atribui valor nenhum à posse de dinheiro e bens, como responsável pela tristeza mexicana.

Para o conflito do romance, igualmente importante mostra-se o trauma da Conquista. Parte dos estudiosos não esquece a violência dos conquistadores que humilhou a mãe Índia. Esses mexicanos rejeitam o agressor paterno, aproximando-se edipicamente da mãe. Outros, presos à Europa, buscam esquecer a ancestralidade indígena. Apoiado em Hegel e Freud, o narrador entende que a cura reside na plena aceitação do passado, sem exclusões envergonhadas ou ressentidas. Ousa apresentar o Brasil como exemplo de assimilação do passado e modelo para o México. Exemplar parece-lhe o nome do conquistador francês Villegaignon dado a uma ilha e a simpatia com que os brasileiros recordam o holandês Maurício de Nassau, outro conquistador calvinista. Em oposição a isto, impressiona-o a falta de uma estátua ao Conquistador Cortés, na cidade do México.

Se em **Bandeirantes e pioneiros** crê na conversão de unidades caractereológicas nacionais, busca agora socorro para essas individualidades coletivas na psicanálise. Justificadas são as dúvidas que provocam tais propostas terapêuticas. Se já não bastasse o equívoco na determinação da doença, Paulo Prado, anos antes, encontrou no Brasil a tristeza que Viana Moog atribui em **Tóia** ao povo mexicano.

Não obstante as diferenças que individualizam os povos americanos, Viana Moog vê nos latinos uma unidade fundamental, o que lhe permite aproximar Brasil e México na dívida ao Oriente,



preservado pelas culturas pré-colombianas e legado aos países que se espalham na América do Sul. O autor, ao refletir sobre o México ousa estender à parte meridional do Continente as observações restritas até agora ao Brasil. Nessa passagem, deixa de considerar o Atlântico sul um capítulo do Ocidente como o fez em *Heróis da decadência*. Os latinos-americanos aparecem agora como fim do Oriente em conflito com o Ocidente, ao qual entrega os Estados Unidos.

O conflito do romance repousa sobre esta oposição. Embora brasileiro, Jorge Holanda representa o Ocidente, pródigo em dólares, amigo de ambientes requintados, preso à disciplina imposta pelo relógio. Envolvendo-se afetivamente com Tóia, a mexicana mestiça, entra na órbita de um mundo estranho em que pontualidade, dinheiro, progresso, êxito, matrimônio não representa valor. Em oposição a isso valem lascívia, irracionalidade, afeto, solidariedade grupal. Indecisa entre o embaixador Holanda e o amante mexicano, Tóia brota como símbolo do México a se debater na polaridade Oriente-Ocidente. Holanda, por sua vez, simultaneamente preso a sua loira esposa de origem alemã Lore (a mesma de *Um rio imita o Reno*) a Tóia, a mestiça aproxima-se desta na indecisão, da qual tampouco escapa Lore, outrora apaixonada pelo indiatóico Geraldo. As três personagens centrais — Tóia, Holanda, Lore — sofrem o conflito Oriente-Ocidente sem resolvê-lo na síntese, utópica visão do narrador. A tese da mestiçagem, reforçada pela metafísica hegeliana, desaloja a coexistência de culturas heterogêneas no mesmo espaço.

Na trajetória ficcional, Viana Moog não desalojou nunca o ensaísta que lhe abriu espaço no mundo das letras. Tanto os ensaios como os romances surgem como variações de um tema central que se amplia e diversifica. Embora as suas teses careçam da adesão dos que hoje se ocupam dos mesmos temas, permanece a presença do observador metódico, do homem bem documentado, do construtor de sistemas.

Soube, no momento oportuno, ver os perigos do nacionalismo exacerbado e não recuou diante da dificuldade de encontrar solução para os confrontos étnicos e culturais. Num época em que os especialistas fragmentam o todo em estilhaços oferecidos a poucos, Viana Moog procura diminuir a distância entre a crítica literária e a crítica da cultura, entre a ficção e o pensamento racional, entre a observação rigorosa e os altos vãos da inteligência.

Conseguiu fazer de Machado de Assis um autor universal. Elevou os nossos conflitos ao espaço das lutas internacionais. Sentiu o peso da nossa marginalidade e a urgência de encará-la com vistas a uma solução. Negou a pecha da nossa incapacidade de pensar. Suas oscilações mostram-se mais fecundas do que dogmatismos apaixonados que excluem opções situadas fora da rigidez dos sistemas. Suas andanças no mundo dos fatos e das idéias levanta um universo de problemas sedentos de outras soluções. Recupera a agilidade do diálogo socrático, vital como método na caducidade das soluções. Nem tudo está perdido, quando homens sadiamente orientados se reúnem para, em conjunto, atentos a todas as divergências, buscarem o caminho. Não é pouco valorizar a livre circulação das idéias, numa época em que o autoritarismo armado volta a nos condenar ao silêncio. Nossa intranqüilidade cresce, quando vemos a tecnologia dos países avançados colocar os instrumentos que veiculam o pensamento na mão de grupelhos impermeáveis. A passagem do espírito de fronteira desperta inteligências adormecidas, gritos abafados, palavras proibidas, sonhos frustrados. A geração de 30, testemunha da grandeza e miséria, nos coloca nas mãos a tarefa de continuar o trabalho iniciado naqueles anos turbulentos.

Quando em 1934 aparece *Heróis da decadência*, o Rio Grande do Sul retoma o veio dos estudos machadianos aberto em 1912 com Machado de Assis: *Algumas notas sobre o humour* de Alcides Maia. Os que duvidam da importância da crítica na vida literária alertamos para a importância destas duas datas. A geração do Partenon Literário nos tinha sufocado na retórica do heroísmo desde os anos 70 do século passado, nossas letras se estorciam à sombra do culto ao herói que nos tinha sido outorgado por José de Alencar, retardando por décadas a descoberta de nós mesmos. A consciência crítica que desperta no livro de Alcides Maia altera o quadro das letras rio-grandenses, sem ela não teria acontecido a prosa de Simões Lopes Neto, nem a poesia de Amaro Juvenal ou de Eduardo Guimarães. Não se trata de estabelecer influências, mas de acentuar a importância de comportamento crítico para sacudir das costas tradições escravizadoras que nos impedem reorientar-nos nas solicitações presentes. Na marcha da reorientação, Alcides Maia desvenda na ficção machadiana a corrosão da exterioridade balofa, a denúncia do solo poroso em que se assentam os fundamentos do brilho elitizante. A consciência que realiza esta leitura prepara o solo para a sementeira da grande literatura que floresce



no Rio Grande do Sul na segunda década deste século. Afirmamos que não há grande literatura sem crítica e consideramos ilegítimas posições que colocam atividade crítica e criação literária em campos opostos. Toda ficção robusta é crítica e toda crítica robusta abre caminhos à invenção.

O ressurgimento da fanfarronice militar nos anos 30 constituiu perigo para a nossa produção literária, não é difícil apontar vítimas mesmo entre autores consagrados. A denúncia feita ao heroísmo por Viana Moog mostra a presença de uma geração crítica preocupada com os sem-terra, com os conflitos dos profissionais liberais emergentes, com os assalariados no campo e na cidade. Esta geração crítica encontrou voz em Erico Verissimo, Ivan Pedro de Martins, Pedro Wayne, Reynaldo Moura, Cyro Martins.

Um ano depois de *Heróis da decadência* apareceram em livro as análises de Augusto Meyer sobre o autor de *D. Casmurro*.<sup>16</sup> Enquanto que Viana Moog procura compreender Machado no quadro amplo da história do Ocidente, Augusto Meyer penetra na dúvida, nos conflitos interiores de suas personagens, aproximando-o do romance de Dostoiévski. Sem o saber convergia nas preocupações com o russo Mikail Bakhtine, ambos descobrem o homem ocidental na mesma fonte e na mesma década. Embora façamos muitas reservas à leitura de Machado de Assis feita por Meyer, não se lhe pode negar o mérito da contribuição que levou teóricos e ficcionistas a explorar nos anos 30 as cavernas obscuras do homem interior. A demolição do brilho exterior ofereceu aos novos essa outra face da realidade, rica, dramática e assustadora. Inquieto como Viana Moog, Augusto Meyer empenhou-se no contínuo aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, alcançando na *Análise de Le bateau ivre* (1955) níveis que o tornaram respeitado à mais exigente crítica textual, com notórias ressonâncias na produção em prosa e verso dos anos 50.

Em 1937, aparece um breve estudo sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas* no livro *Tristão de Atafé e outros estudos*, escrito por Carlos Dante de Moraes.<sup>17</sup> Partindo de cuidadosa análise das idéias de Alceu Amoroso Lima, Carlos Dante de Moraes propõe uma tipologia do homem brasileiro, unindo-se a tantos outros que o tentaram. Vê no caráter brasileiro a confluência da expansão material, expressa nos bandeirantes, e do aprofundamento espiritual, representado pelos jesuítas. Estas duas linhas, modificando-se conforme a exigência das épocas atravessam a nossa história. O autor

vê com apreensão o avanço da cultura material em detrimento dos valores espirituais, já que o desequilíbrio poderia conduzir-nos ao estatismo e à tirania. A apreensão é agravada pela ausência da elite pensante nos destinos da nação. Dentro deste esquema, Carlos Dante se avizinha do romance machadiano, localizando a crise da intelectualidade brasileira na antítese entre a ironia minuciosa de Brás Cubas e a idealização sintética, visionária de Quincas Borba. Pensa que a solução para a elite pensante brasileira estaria na síntese de ambos.

O desenvolvimento autônomo e paralelo de um princípio psíquico e de um princípio material encontrará dificuldade de aceitação nas concepções agora vigentes. Importa-nos, entretanto, a inserção efetuada por Dante de Moraes da ficção no contexto da cultura e a evocação de Machado na resistência ao mando autoritário. Conexões felizes entre texto e contexto o levaram a análises lúcidas da nossa realidade.

No ocaso dos anos 30, Machado de Assis, que alimentara as reflexões de Viana Moog, Augusto Meyer e Carlos Dante Moraes, — retorna numa conferência proferida por Moysés Vellinho em 1939, para comemorar o centenário ao nascimento do romancista. Ocioso seria insistir nas deficiências dessa resumida abordagem, são as mesmas de todos os críticos da terceira década, o psicologismo os levava a ver através do texto literário a psique do autor, o erro aniquilava o texto na busca do que lhe dera origem. Feito esse desconto, restam observações agudas que preparam a prosa aparecida ao fim da Segunda Guerra. Não é de pouca monta a condenação do mimetismo que submete o texto literário ao paisagismo pitoresco, procedimento freqüente no romance documental de 30. Moysés Vellinho aponta com oportunidade a rejeição machadiana do cenário em benefício da penetração no conflito dos atores. De fato, foi o esmiuçamento da vida interior dos caracteres que reservou à literatura do Autor de *D. Casmurro* lugar de permanente interesse. Levou nisto inquestionável vantagem sobre os indianistas que admirou nos anos de formação. Enquanto estes se perderam ao buscarem no índio identidade nacional nada convincente, Machado descobriu na análise do homem urbano inquietações com que nos defrontamos ainda hoje. Moysés Vellinho detectou com rigor crítico a degradação da burguesia do Segundo Império nos romances machadianos. Esta observação — ao contrário do lugar comum do "pessimismo congênito" — abriu rumos promissores à análise.



As preocupações de Moysés Vellinho com a feitura do texto e as relações deste com o mundo exterior criaram instrumentos para a avaliação crítica e se aliaram ao esforço dos ficcionistas preocupados em descobrir regiões mais ricas do que o mero registro da exterioridade. Esta retirada por não satisfazer ao ufanismo nacionalista dos anos mais opressivos do governo de Vargas conquistou o espaço crítico em que a literatura robusta viceja com desenvoltura.

Como se vê, a presença de Machado elevou a crítica dos anos trinta aos seus melhores momentos. Os estudos machadianos sacodem os fundamentos do discurso autoritário em todas as épocas. Os estudos sobre Machado que surgem abundantes nos anos 70 repetem a busca da liberdade que observamos nos machadistas de 30. O retorno a Machado sempre que ocorre, solapa a opressão, devolvendo à literatura a força que procede da redescoberta das origens.

## BIBLIOGRAFIA

1. MOOG, Clodomir Viana. *Heróis da decadência — Reflexões sobre o humour*. Rio, Guanabara, 1934.
2. SPENGLER, Oswald. *Der Untergang des Abendlandes*. München, Beck, 1923.
3. *Veja-se o Proêmio de José Ortega y Gasset na tradução espanhola La decadencia de Occidente*. Madrid, Espasa-Calpe S.A., 1958, p. 11-4.
4. MOOG, Viana e LIMA, Alceu Amoroso. *Mensagem de uma geração*. Discursos pronunciados na Academia Brasileira de Letras, na posse do sr. Viana Moog. Porto Alegre, Globo, 1945.
5. MOOG, Viana. *Novas cartas persas*. Porto Alegre, Globo, 1937.
6. Id., *ibid.*, p. 139.
7. SCHÜLER, Donald. *Poesia modernista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Movimento, 1982.
8. *Mensagem de uma geração*, op. cit., p. 50.
9. MOOG, Viana. *Bandeirantes e pioneiros*. Porto Alegre, Globo, 1954.
10. MOOG, Viana. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre, Globo, 1939.
11. BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
12. OLIVEN, Ruben George. *Violência e cultura no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982.
13. MOOG, Viana. *Uma jangada para Ulisses*. Porto Alegre, Globo, 1959.
14. MOOG, Viana. *Uma interpretação da literatura brasileira*. Rio, Casa do Estudante do Brasil, 1943.
15. MOOG, Viana. *Tóia* (1962). Rio, Delta, 1966.
16. MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1934)*. Rio, Simões, 1952.
17. MORAES, Carlos Dante de. *Tristão de Ataíde e outros estudos*. Porto Alegre, Globo, 1937.